

Eje N°1 Cultura escolar, prácticas y saberes en Historia de la Educación

Título: As disputas pela leitura legítima de obras literárias no cotidiano escolar: entre tensões sociais e demandas estatais (1990 – 2014)

Patrícia Aparecida do Amparo (FEUSP)

patricia.amparo@usp.br

Esta comunicação objetiva investigar como, na cotidianidade das escolas de ensino médio, são efetivadas disputas pela leitura legítima de obras literárias. A partir das práticas relacionadas à linguagem, aspecto estruturante do trabalho escolar, como indica Bernard Lahire, buscaremos situar tensões vivenciadas por professores e alunos ao se apropriarem dos projetos estatais de formação. Tomamos tais tensões como elas vêm se configurando na rede estadual paulista desde os anos 1990, período de forte expansão escolar, acompanhada de reformas curriculares que estruturaram o ensino médio nos últimos anos. No que se refere aos aspectos metodológicos, realizamos observações das aulas de Língua Portuguesa em duas escolas de ensino médio situadas na cidade de São Paulo em 2014 e analisamos os currículos de Língua Portuguesa. Constituímos um conjunto de fontes composto por Diários de campo, entrevistas com oito alunos e duas professoras, propostas curriculares em vigência e aquelas produzidas a partir dos anos 1990, procurando compreender as disputas pela relação legítima com a linguagem como ela se configura em período de forte expansão da rede de ensino. A partir do referencial teórico advindo de autores como José Mário Pires Azanha, Dominique Julia, Régine Sirota, Pierre Bourdieu e Roger Chartier procuramos constituir a cultura escolar a partir de práticas que indicam diferentes posições sociais, as quais tensionam os projetos de formação estatal. Ao realizarmos observações de aula e entrevistas, conhecemos as representações que alunos e professoras construíram em meio aos seus grupos sociais a respeito da leitura de obras literárias. A partir de uma apropriação da literatura enquanto objeto não sacralizado, eles demonstram sentidos diversos daqueles previstos nas prescrições estatais. Estas últimas são marcadas pela visão da leitura de obras literárias como prática relacionada aos livros e autores consagrados no cânone escolar, interpretados por meio da análise estética. A imagem da "boa leitura" vista nos currículos é constante nos documentos escritos no período em questão e constitui uma espécie de inconsciente escolar que indica modos corretos de apropriação literária. Ao se mostrarem em sala de aula, as representações de professoras e alunos entram em disputa e tensionam os ideais de formação estatal. Do ponto de vista das professoras, de modo a organizarem as aulas, elas efetivam cotidianamente negociações entre seus modos de relação com a linguagem e a imagem que precisam assumir como representantes do projeto de formação estatal. Assim, os materiais e práticas de

ensino revelam tensões entre um conjunto de imagens da leitura consagradas ao longo de anos e cristalizadas na cultura escolar e as representações docentes e discentes constituídas em seus grupos sociais. Os alunos, por sua vez, resistem cotidianamente por meio de ações de indisciplina, desinteresse e indiferença a práticas que trazem ideais de formação que não coincidem com suas expectativas de escolarização. Sendo assim, a observação do cotidiano escolar nos possibilita ver como as disputas pela relação mais legítima com a linguagem na escola indicam maneiras de encontrarmos disputas pelo sentido da educação pública em período de expansão.

Palavras-chave: Cultura escolar; cotidiano escolar; leitura de obras literárias; ensino médio.